

## AS MULHERES NA COLÔNIA DO BRASIL

Chegando ao Brasil colônia, os portugueses encontraram mulheres totalmente diferentes não só na aparência como nos hábitos das suas conterrâneas européias. O cotidiano das índias era marcado pelo cuidado com o corpo, com os filhos e a sobrevivência. Quando meninas viviam à sombra das mães e dividiam com estas os afazeres diários. Um pouco mais velhas, poderiam ser trocadas por gêneros e oferecidas pelos pais aos colonizadores. Casadas, acompanhavam os maridos carregando todos os utensílios para o preparo das provisões, nas longas jornadas. Trabalhavam até a hora de dar à luz. Fiavam algodão, faziam redes, vasilhames de barro, cuidavam da roça e das refeições.

Segundo relato deixado pelo Frei Yves d'Evreux, que descreveu o comportamento dos índios através do que ele chamou de "classes de idade", citado por Romanelli (2002), cabia às índias mais velhas o preparo do banquete antropofágico (assar o corpo do inimigo), a o preparo do cauim e de todas as bebidas fermentadas.

Às índias, somaram-se as mulheres portuguesas. Algumas eram casadas com funcionários da coroa. Outras, de origem humilde, viviam da costura, comercializando o produto de suas lavouras, como fiandeiras, lavadeiras ou prostitutas. Algumas eram comerciantes e taberneiras.

Com a descoberta do ouro, nas Minas Gerais e em Goiás e a guerra contra os espanhóis, muitas viram seus maridos partirem e assumiram a responsabilidade de cuidar dos filhos e de toda a família.

Algumas fabricavam doces que eram vendidos pelas escravas.

Figureiredo (2002) ressalta que a presença feminina foi sempre destacada no pequeno comércio no Brasil colonial, principalmente o ambulante, onde se consumiam gêneros a varejo, produzidos na própria região. Considera que tal fato se deve a duas referências culturais determinantes no Brasil. Primeiro, o fato de que nas sociedades africanas as mulheres tradicionalmente desempenhavam tarefas de alimentação e distribuição de gêneros de primeira necessidade. Segundo, de influência portuguesa, transpondo para a colônia a divisão de papéis sexuais da metrópole, "onde a legislação amparava de maneira incisiva a participação feminina." Outras, "mais poderosas, negociavam gado e escravos que iam buscar nas cidades litorâneas, montadas em lombo de burro escoltadas por subalternos" (Priore, 2003, p.16).

Embora vários autores, ao descreverem as mulheres do Brasil colonial, reconheçam o uso desmedido e silencioso da sexualidade, existia uma diferença entre as mesmas. Em geral as mulheres brancas eram enclausuradas, recatadas e guardiãs da honra do pai e do marido. As negras, divertimento do sinhozinho e deleite dos senhores de terra.

As africanas, embora reduzidas a objetos sexuais, trabalhavam com a foice e a enxada; semeavam, catavam ervas daninhas desde a infância, enfeixavam e moíam a cana, cozinhavam o melado, manufaturavam o açúcar, ocupavam-se das tarefas domésticas da casa-grande, lavavam, cozinhavam, além de cuidarem de seus maridos e filhos nas senzalas, onde ainda serviam de parteiras e benzedeadas.

Nos centros urbanos, as "negras do tabuleiro" vendiam doces, bolos, queijos, hortaliças, leite, agulhas, alfinetes, polvilho, prestando contas do dia de trabalho aos seus senhores. Alvo da preocupação das autoridades, pois levavam recados dos quilombolas, ajudavam a traficar ouro roubado e preveniam fugitivos e bandoleiros sobre a ação das tropas. Muitas se prostituíram, outras, através do comércio ambulante, economizaram e acumularam o suficiente para, de uma ou de outra maneira, acabarem comprando sua

liberdade e no século XVIII, era grande o número daquelas que eram livres e alforriadas (Ibid, p.20).

Através de um discurso moralizador sobre o uso dos corpos e difusão da fé católica importada da metrópole, instaura-se na colônia, a idéia de normalizar a sexualidade dentro do casamento, incentivando-se a multiplicação das famílias, não só com o objetivo de povoar a nova terra como também de difundir a moral cristã. Cria-se um modelo ideal de mulher para atender a esses objetivos, o da mulher recatada, sem ardores sexuais, submissa e principal propagadora do catolicismo junto aos filhos.

Tal modelo, porém, não correspondia à realidade do cotidiano de muitas mulheres, negras, mulatas e brancas empobrecidas, todas livres e, no entanto, escravas de suas precárias condições materiais de vida. Estas, levadas pela necessidade de sobrevivência, buscaram alternativas de superação das dificuldades e elaboraram regras e éticas próprias.

Algumas se prostituíram, acumulando outras atividades nos locais onde recebiam os “fregueses”, como a costura, lavagem de roupa etc. Outras viveram em concubinato e ligações transitórias e embora transgredindo a ordem estabelecida, garantiram um espaço para a realização da maternidade e da vida conjugal.

Podemos dizer que no Brasil colonial, encontrávamos mais de uma forma de organização familiar. No Nordeste, nas áreas rurais, encontravam-se as famílias extensas dos senhores de engenho, formadas pelos filhos legítimos ou de criação, parentes, afilhados, vizinhos, amigos, escravos, serviçais. É caracterizada pela autoridade paterna, a quem todos devem respeitar e submeter-se, principalmente a mulher. O homem é o chefe da família. A mulher estará restrita ao lar, aos cuidados com os filhos e devido aos partos numerosos e consecutivos, apresenta uma aparência precocemente envelhecida.

Nas camadas mais empobrecidas, onde predominava o concubinato e as ligações transitórias, haverá uma fusão dos grupos sociais e raciais. As famílias são formadas por um menor número de componentes e há um enfraquecimento da autoridade paterna.

No Nordeste, os papéis de homens e mulheres eram mais diferenciados.

Dependendo da condição social, as mulheres distinguiam-se em as “donas fulanas”; as “cunhas”, manteúdas do senhor de engenho, fazendeiro ou funcionário da coroa e por último as escravas. Estas últimas, apesar de reduzidas à condição de “coisa”, trouxeram grande contribuição para a cultura brasileira.

No Sul do Brasil, segundo Seixas (1998), são mais comuns as famílias nucleares, reduzidas a pai, mãe e alguns filhos. É comum os filhos, ao casarem, passarem a ter sua própria residência e os filhos menores saírem de casa para aprenderem algum ofício. As mulheres auxiliavam o marido na manutenção de seu lugar social, e algumas delas, além disso, gerenciam os negócios e propriedades da família. Prevalece, no entanto, a autoridade do homem e a submissão da mulher.